

BRAGANÇA JÚNIOR, Á. A.. O louco e o pícaro: aventuras e desventuras na sociedade germanófono nos séculos XV e XVI - um retrato literário. In: Adriana Zierer. (Org.). **Uma Viagem pela Idade Média: estudos interdisciplinares**. 1 ed. São Luís: Editora da Universidade Estadual do Maranhão, 2010. p. 35-46.

O LOUCO E O PÍCARO – AVENTURAS E DESVENTURAS NA SOCIEDADE GERMANÓFONA SÉCULOS XV E XVI - UM RETRATO LITERÁRIO

*Álvaro Alfredo Bragança Júnior*¹

Quando nos deparamos com uma obra em alemão do século XV, uma de suas marcas textuais que nos saltam aos olhos é a preocupação do homem daquela época com a situação moral da sociedade em que vivia. Partindo dos grandes místicos como Meister Eckhart, Johannes Tauler e Heinrich Seuse, que cantavam o seu amor a Deus como uma ode ao Ser supremo da perfeição moral, encontramos autores, os quais centram suas atenções nos vícios e defeitos de toda uma coletividade e que desenvolvem, por outro lado, um tipo de composição literária que remonta às **Ständesatiren** – sátiras estamentárias - medievais, ou seja, às sátiras destinadas a apontar os erros de conduta, na maioria das vezes, ou a ridicularizar membros dos estamentos e grupos sociais elevados, seja por linhagem ou por poder aquisitivo, assim como populares e das **Zünfte**, as corporações de ofício, importantíssimas para o estabelecimento de várias profissões liberais modernas.

Os traços característicos da **Ständesatire** medieval adquirem no século XV e início do seguinte outros contornos. Em virtude do crescimento das atividades comerciais com o fortalecimento dos banqueiros e da própria classe burguesa, em consequência dos novos horizontes culturais alargados pelos descobrimentos marítimos e pela redescoberta do homem enquanto ser capaz de trilhar seus próprios passos e construir seu próprio destino, alterações de ordem moral e ética forjaram um novo sentimento, que ousamos denominar *liberdade liberal*, em que opomos *liberal* ao *modus cogitandi* hermético dos rígidos (?) códigos de valores da Idade Média. Esse tipo de novo comportamento caracterizava-se pela busca do aspecto emocional da esfera humana, em todos os seus possíveis níveis de concretização. A arte reflete o novo Homem e eterniza a Gioconda, ao mesmo tempo em que Dürer e Hieronimus Bosch caricaturam este mesmo Homem que, na ânsia para gozar a liberdade, cai nas tentações

¹ - Mestre e Doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Estágio Pós-Doutoral na Ruhr-Universität Bochum, Alemanha, área História Medieval. Professor Adjunto de Língua e Literaturas de Língua Alemã e Professor do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ.

pecaminosas, as quais o afastam de Deus. Nesse momento surgem vozes que procuram representar e alertar, através da instrução, a “loucura” e a insensatez que domina a sociedade.

Em quaisquer dicionários mono ou bilingües, o vocábulo em alemão **Narr** é traduzido como “louco”, “bobo”, “tolo”. Acrescentamos ainda a essa gama de significados “insensato”. Entretanto, no final do século XV e no primeiro quarto do século XVI, um tipo de composição em verso - **Versrede** - lançava mão dos **Narren** para retratar os erros/desvios cometidos por membros de diversas profissões e grupos sociais de então. Hans Rupprich (1970, p. 582) afirma que o **Narr** “*não é apenas ridículo, mas também deve ser repreendido e deplorado. Ele é um ser humano moralmente insuficiente.*”

Parece-nos que o conceito de **Narr** pretende abarcar o elemento possuidor de diferentes vícios, excessos e erros, os quais são encontrados nessa sociedade que procura ainda se situar entre o fim da antiga cultura medieval, de tradição ascética, escolástica e cavaleiresca e o começo dos “novos tempos” humanistas, fase mais profana, universalista e que apresenta uma incipiente, mas já marcante “classe social”, a burguesia, entendendo-se aqui burguesia como um desenvolvimento dos grupos sociais oriundos das corporações de ofício medievais, no caso das regiões de língua alemã, bem como também da crescente e importante classe mercantil, cujas figuras exponenciais eram os banqueiros.

Esses desejos de “reforma” do mundo das idéias com o intuito de passagem para o mundo da “ação” foram especialmente fecundos na Alsácia, onde surgiram três das mais significativas obras da “literatura dos loucos”, a **Narrenliteratur**. Quem primeiro tratou do personagem arquetípico da insensatez foi o jurista Sebastian Brant (1457-1521), que, além de escrever seu celeberrimo *Das Narrenschiff*, traduziu para o alemão as máximas latinas de autoria atribuída a Catão, escrevendo também para seu filho um livro de preceitos morais, em forma de fábulas. Sua *Nau dos loucos*, cuja primeira impressão data de 1494, alcançou êxito retumbante, sendo até o final do século XVI, um livro de consulta bastante conhecido pelas camadas mais baixas da sociedade, sendo vertido para o latim com o título de *Stultifera navis* e constituindo-se no maior êxito literário de um autor germanófono até o lançamento da obra de Goethe **Os sofrimentos do jovem Werther**, no século XVIII. Um dos motivos para tal sucesso foi aliar ao texto a técnica dos **Holzschnitte**, isto é, xilogravuras, a gravação em madeira das mais importantes cenas descritas no livro. Não é à toa, que nos estertores do século XV e nos

albores do seguinte aparecem grandes pintores e escultores, os quais, através de seus quadros, esculturas e gravuras desejam *via* sensação visual passar todo o complexo mundo de suas mensagens estéticas.

Quais as principais características da obra de Brant? Wolfgang Stammeler (1950, pp. 204-205) assim define o conceito de **Narr** do jurista alsaciano:

A vida é um grande carnaval e como os homens vagueiam vestidos para o carnaval e se apresentam como loucos, assim eles, de verdade, geralmente estão. Em todos os estamentos, em todas as idades, sem diferença de sexo, o autor vê loucos. Contudo, não somente aqueles que por ignorância ou estupidez agem de forma tresloucada – mas também aqueles que faltam ao respeito com os dogmas do credo cristão, aqueles que cometem faltas contra a moral humana são loucos.

As sátira estamentárias do medievo eram muito apreciadas, inclusive na época de Brant. Este, entretanto, acentua uma zombaria, em uma linguagem popular e satírica, dos vícios humanos e reúne as gravuras em um livro de poesias de caráter moralizante. Por isso, como acentua Rupprich (1970, p. 582), “*por trás disso há a opinião, de que os pecados e os vícios tem suas origens apenas na ignorância e na insensatez, as quais podem ser suprimidas somente através do ensino e da instrução.*”

Fraquezas humanas como bibliomania, ingratidão, luxúria, soberba, etc. são personalizadas e, uma a uma, estão presentes na Nau, que, ao contrário da arca de Noé, que tencionava salvar as espécies animais do dilúvio purificador, levava os loucos-bobos-insensatos a uma viagem sem volta. No final de seu texto poético, a sabedoria é vista como o maior bem sobre a terra, pois um sábio reflete e sempre faz aquilo que é racional.

Johann Geiler von Kaisersberg (1415-1510), outro humanista, imbuído de idéias reformistas da sociedade, influenciado pelo texto de Brant compôs também a sua **Das Narrenschiff**, uma coletânea de sermões proferidos entre 1498 e 1510 e que recebeu a versão definitiva em alemão em 1520, já que o texto original, *Naviculae sive Speculum Fatuorum*, *A naveta ou espelho dos bobos*, como se vê, fora escrito em latim. Josef Schmidt (1976, p. 280) caracteriza o estilo didático-satírico de Geiler como “*mais popular e mais vívido do que o de Brant, o que, contudo, pode ser prejudicado através da forma dos sermões.*”

Referindo-se ao trecho da *Narrenschiff* “**Am mitwochen nach dem Palmtag. Von Ee narren**”, *Na quarta-feira após o Domingo de Palmas – Sobre os loucos do*

credo, o estudioso alemão (1976, p. 280) assim define os **modi scribendi et cogitandi** de Geiler:

o desejo catequético age no tilintar dos guizos dos loucos de forma direta e prática no tocante à assistência espiritual. Também se demonstra, como Geiler deve ser entendido como reformador ortodoxo e admoestador. Ele atinge todos os estamentos, açoita até mesmo prelados – todavia, tudo em categorias tradicionais.

Seguindo a tradição alsaciana de preocupação com os (des)caminhos do mundo surge o terceiro autor, cuja obra é entendida por muitos estudiosos como uma das mais importantes da fase de transição entre os séculos XV e XVI, da Idade Média para o pleno Renascimento humanista europeu e na “Alemanha”. Franciscano, cura de almas, pregador, professor acadêmico, moralista e satírico, Thomas Murner (1475-1537) foi o mais acre dos escritores da **Narrenliteratur**. Como monge, via e antevia um mundo que se dirigia a passos largos para a perdição, daí seus escritos possuírem uma tensão interior muito maior que as obras de seus antecessores. Por outro lado, juntamente com Brant, almejava ele uma reforma de valores morais, a qual pudesse minimizar e verdadeiramente “converter” a sociedade sem rumo ao seu prumo original. Como bem salienta Hans Rupprich (1970, p. 586),

Murner era fiel às tradições costumeiras. Um desvio destas conduziria ao caos. Simultaneamente, porém, ele sentia o paradoxo entre o ideal e a realidade na totalidade da vida naquela época. Desejo de conservação e de melhorias, assim como o sentimento de compromisso com a acusação **ex officio** motivaram seus versos didático-satíricos.

Com esse espírito combativo, o autor compôs duas obras que se situam entre as produções literárias mais destacadas dentro da **Narrenliteratur**: *Die Narrenbeschwörung* - *O exorcismo dos loucos* – publicada em Strassburg no ano de 1512 e *Von dem grossen lutherischen Narren* - 1522 - *Sobre o grande louco luterano*. Em *O exorcismo dos loucos*, o poeta atua como exorcista e persegue o louco/bobo/insensato como se este fosse o demônio, a fim de expulsá-lo, conforme a crença de que, na terça-feira de carnaval, o diabo sai pela boca do possuído. A influência do *Narrenschiff* de Sebastian Brant é literalmente demonstrada pelo franciscano nesses versos do poema (**apud GLÄSER et alii**, 1976, p. 72) :

A Ordem dos Loucos é tão grande,
que enche todos os caminhos e vias,
vilas, cidades, lugares e terras.
A todos esses Sebastian Brant

levava consigo na nau dos loucos...

Sobre o grande louco luterano trata dos perigos das novas idéias de Martinho Lutero para a ordem social. Murner é um reformador de costumes, não um ativista político engajado em uma luta de desestabilização contra a Igreja Católica, da qual faz parte. Lutero é aqui apresentado como o destruidor da ordem mundial. Entretanto, como seus escritos foram em grande parte lançados em regiões dominadas por nobres desejosos pelos lucros que poderiam auferir da Reforma, um maior sucesso da obra de Murner foi impossibilitado, pois a censura reformista estava bastante atuante.

Toda a produção desses três representativos autores alsacianos gira em torno da *Narretei*, ou seja, da loucura ou insensatez do mundo, pois aqueles, presos ainda à tradição medieval, com seus valores, procuram entender e vivenciar, na prática, as novas idéias advindas do humanismo. Esse conflito interior, que chegaria ao seu ápice no século XVII com o barroco, foi, no campo da literatura de língua alemã, praticamente interrompido pela Reforma luterana, pois as tendências humanistas, as quais eminentemente estavam ligadas a nobres e eclesiásticos da Santa Sé, assumiram um papel de defesa da instituição ameaçada e da ordem em vigor. Esse embate, contudo, de modo algum acabou. O homem reformista era um revolucionário no mundo das idéias, já que podia com seu livre arbítrio chegar à contemplação de Deus, sem precisar de intermediários terrenos, neste caso dos eclesiásticos. Esse começo de tomada de consciência acerca de sua importância como fiel e ser humano também tentou ser aplicada na vida política, sem, todavia, obtenção de resultados favoráveis.

Um tipo de literatura mais preocupado com a existência humana tinha, por outro lado, um público fixo. O povo, figura abstrata, gostava de ver retratada sua própria realidade, porém de uma maneira que, através do riso oriundo de cenas cômicas, sentisse ele minoradas as agruras de seu dia-a-dia. O homem simples identificava-se com seu semelhante e, a partir do século XIV, começou a surgir no norte da atual Alemanha o enredo para aquele que talvez tenha sido o mais importante **Schwankbuch** de toda a literatura alemã - o *Till Eulenspiegel*.

Em primeiro lugar, umas palavrinhas a respeito do termo **Schwankbuch**. Este substantivo composto designa um tipo de produção em prosa que se caracteriza pela aventura de uma determinada personagem, que, se utilizando de todo tipo de artimanhas e travessuras, procurava passar sua existência terrena ganhando a vida basicamente através do trabalho alheio e de sua própria astúcia. Esse tipo de comportamento é

comparado por Eloá Heise e Ruth Röhl (1986, p. 9) como muito similar ao de nosso personagem Pedro Malasartes.

Quanto a Till Eulenspiegel, podemos encontrá-lo em Braunschweig entre 1335 e 1355. Tile Ulenspiegel nasceu em Kneitlingen am Elm e faleceu por volta de 1350 em Lauenberg. Na segunda metade do século XV foram reunidas as histórias, com toda a probabilidade, e em 1515, Johann Grieninger as imprimiu em Strassburg, com gravuras em madeira e com o título de *Ein kurtzweilig Lesen von Dyl Ulenspiegel*. Segundo Hans Rupprich (1970, p. 124) é bem provável que o verdadeiro Till Eulenspiegel tivesse um rosto semelhante ao de uma coruja, já que, se analisarmos cada um dos substantivos compostos de seu étimo teremos **Eule**, “coruja” e **Spiegel**, “espelho”. A autoria do livro entregue ao impressor Grieninger é atribuída a Hermann Bote.

Qual seria, enfim, o objetivo de *Till Eulenspiegel*? Certamente intentava proporcionar aos leitores e ouvintes uma alegre diversão em tempos difíceis, caracterizados por problemas nas colheitas e graves tensões sociais na estrutura política do Sacro Império Romano-Germânico. Esse mesmo autor descreve o cotidiano do século XV com suas diferentes classes sociais e corporações de ofício.

Eulenspiegel é filho de um camponês. Após a prematura morte do pai, torna-se Eulenspiegel um saltimbanco, em vez de seguir o desejo materno para aprender um ofício, tornando-se assim um viajante que ocasionalmente arruma trabalho. Ele passa sua vida, lançando mão de variadas artimanhas para sua sobrevivência. O filho de camponês, no decorrer de suas aventuras, é mostrado como mais astuto que os cidadãos da cidade, o que, evidentemente, agrada sobremaneira aos camponeses e a todos aqueles que se sentiam ridicularizados pelas classes dominantes. No final de sua vida, após algum tempo em um convento cisterciense, adoece e morre.

Quem era Till Eulenspiegel ? O que trazia consigo que atingia positivamente a imaginação popular ? Hans Rupprich (1970, pp. 126-127) com a palavra:

Till não ambiciona nenhuma vantagem material: ele faz troça das pessoas, realiza suas artimanhas e com elas se diverte. Primeiro de tudo, ele troça dos presunçosos artesãos: em cerca de 55 [desses] contos burlescos seus adversários são representantes das diversas corporações de ofício. Em primeiro lugar vem os senhores seculares, os eclesiásticos, os camponeses, os catedráticos. Todavia, não se zomba do estamento social, mas sim o comportamento do indivíduo deve ser revelado e atingido

Normalmente, cada travessura de Eulenspiegel refere-se a uma piada literalmente compreendida ou ao cumprimento literal de uma ordem, o que em muitas vezes

ocasiona um grande prejuízo ao “adversário” de Eulenspiegel, mas também nem sempre proporciona vantagens ao nosso “herói”.

Herói? Anti-herói? Aqui passamos para algumas considerações sobre este personagem, mais especificamente, sobre a natureza de suas ações. Como citado anteriormente, alguns estudiosos tentam traçar uma relação entre Eulenspiegel e nosso brasileiríssimo Pedro Malasartes. Ambos são caracterizados pelas suas astuciosas artimanhas que visam seu próprio proveito e, na maioria das ocasiões, ludibriam a boa fé das pessoas mais ingênuas e enganam cidadãos possuidores de uma pretensa superioridade cultural e/ou material. Pelo exposto, poderíamos classificar Till Eulenspiegel como um anti-herói. Entretanto, a popularidade e a identificação deste personagem, como de outros oriundos dos **Schwänkebücher**, que em alguns casos são conhecidos como **Volksbücher** – novelas populares -, pelo seu estreito relacionamento com a vida popular e com as camadas mais pobres da população, levam-nos à indagação, se este personagem não poderia ser um estágio primeiro do pícaro, que alcançou seu apogeu no século de ouro da literatura espanhola com o inigualável *A vida de Lazarillo de Tormes e de suas façanhas e adversidades* - 1553/1554, que, em literatura alemã, teve um conhecidíssimo e até hoje mui admirado livro, *Der abenteuerliche Simplicius Simplicissimus*, - *O aventureiro Simplicio Simplicíssimo* - cujo autor é Hans Jakob Christoffel von Grimmelshausen, que somente foi publicado na segunda metade do século XVII, já que seu autor viveu entre 1622 e 1676.

Adriano da Gama Kury (1984, pp. 7-8), no seu prefácio à edição brasileira da obra espanhola, assim sintetiza o *Lazarillo*:

No *Lazarillo de Tormes*, o protagonista, Lázaro, conta com jovial desenfado “suas fortunas e adversidades” com nove anos diferentes, salpicando o relato de traços satíricos sobre a sociedade do seu tempo. ... Lázaro descreve com agudeza sua vida andeja, e desfilam na sua narrativa, pintadas sem qualquer compaixão, todas as classes sociais.

No caso de Till Eulenspiegel, temos a narrativa em 3ª. pessoa, pois ainda havia um certo distanciamento do narrador, assumindo seus atos perante o público. A terceira pessoa, com um narrador neutro, serviria de refúgio seguro ao autor, que não poderia ser responsabilizado pessoalmente pelas suas “diabruras”.

Tanto a novela popular em alemão quanto o romance picaresco apresentam narrativas populares, as quais se voltam para a realidade vital. A vivência é retratada como a experiência da vida. Tanto na obra alemã quanto no **Lazarillo** espanhol, os

heróis, que doravante chamaremos de pícaros, não questionam a estrutura social na qual se inserem, somente procuram, por todos os meios, ascender.

Claro está, que não aventamos aqui a hipótese de que a literatura picaresca tenha sido um desdobramento de uma literatura popular em alemão! Todavia essas semelhanças entre estrutura e forma desses romances já deixam transparecer uma evolução de gênero, em nosso ver, como o sucedido entre os **Schwänke** e as **Ständesatiren** medievais alemães para os **Volksbücher** e, por que não dizer, para os versos rimados de cunho satírico e didático das obras da **Narrenliteratur** alsaciana.

Por outro lado, as fórmulas, máximas, citações, provérbios bíblicos, idéias fundamentais nas obras de Brant, Geiler, Murner e Bote, que servem como ponto de partida para a classificação dos erros e vícios de todas as camadas sociais, não aparecem com tanta intensidade no romance picaresco. Isso se dá em virtude da tentativa de adequação do homem dos séculos XV e XVI, homem esse que, sem perceber, se encontra na fase terminal da Idade Média e no limiar do Renascimento, homem esse que começa a se dividir entre seus valores tradicionais herdados de seus antepassados, porém começando a questioná-los de forma mais humana, isto é, enquanto Homem, e os seus passos em direção a um ainda incerto mundo terreno futuro.

Uma última indagação permanece: qual seria o ponto de continuidade ou descontinuidade entre a **Narrenliteratur** e *Till Eulenspiegel* ? No que concerne ao segundo item, há uma centralização da temática *no povo*, isto é, as histórias contadas na obra coletada por Bote são, eram e serão sempre permeadas de cunho popular, na medida em que elas pertencem ao mundo circundante dessa coletividade. Autoria desconhecida muitas vezes traz consigo a marca de uma tradição oral preservada pela memória inconsciente (vejamos o caso de Homero!). Assim, o público alvo era o camponês, o, leiteiro, o açougueiro, aquele ser humano não privilegiado no estratificado mundo feudal “alemão”, salvas algumas poucas exceções. A própria finalidade do *Eulenspiegel* era a de provocar o riso, trazendo de volta à cena a sabedoria empírica popular, o cômico popular. Não podemos nos esquecer que uma das características do **Sturm und Drang**, o movimento literário em língua alemã do século XVIII, erroneamente traduzido para o português como “Pré-Romantismo” centrava-se na redescoberta dos valores populares, pois lá, segundo os seus adeptos, residia a verdadeira sabedoria.

Há outros caminhos, contudo, que se entrecruzam. Apesar das diferenças de origem, pois Sebastian Brant, Johann Geiler von Kaisersberg e Thomas Murner tiveram

acesso a uma refinada educação, sendo juristas, teólogos, homens da Igreja, esses três e mais o anônimo iniciador das aventuras de Till Eulenspiegel procuraram ensinar ao homem do início do Renascimento o perigo dos “loucos” e “insensatos” caminhos divergentes, sedutores, cujo fim seria para todos, independentemente de classe social, o pior possível.

Podemos tentar nessas linhas finais descrever os loucos e bobos como pícaros ? Sem dúvida, a resposta será negativa, pois os **Narren** dos séculos XV e XVI amalgamam em si todos os pontos fracos do ser humano, representando tipos, classes, ofícios, enquanto nosso Till Eulenspiegel vive, brinca, faz troça de seus próprios companheiros de desventuras, como também daqueles que estão acima dele social e culturalmente. Todos esses tipos são arquetípicos de um mundo em transição, de sociedades desorientadas, em estado de crise de sua própria identidade ainda a ser revelada. O caminho para a Reforma estava se descortinando, sem a menor percepção desse fato por parte dos autores alsacianos. Somente Murner tentou combater, de acordo com sua posição religiosa, a chaga luterana! Entretanto, já era tarde demais! Enquanto isso, alheios às questões de ordem teológico-políticas, os descendentes de Eulenspiegel amadureciam enquanto homens e chegariam à plenitude da maturidade com Simplicius Simplicissimus, um século depois. Do ponto de vista literário, podemos nos atrever a dizer, que o **Volksbuch Till Eulenspiegel** é um estágio de desenvolvimento do pícaro barroco alemão.

Como, por fim, juntar todos numa *Nau dos loucos* ? Talvez tenhamos que repensar a atualidade desses escritores, quase abandonados em vários livros de diversas faculdades de letras. Quantos **Narren** e pícaros não perambulam através das ruas esquecidos, famosos, poderosos, cultos, ascetas, ateus, agnósticos, crentes? Quantas “loucuras” são foram e sempre serão cometidas em nome de uma pretensa Razão? Será que os bobos, loucos e insensatos de antigamente eram loucos, bobos e insensatos em vão? Com muita probabilidade, as idéias de Brant, Geiler e Murner frutificaram em êxito literário, porém a verdadeira sabedoria está naquilo que o indivíduo, em sua luta cotidiana, consegue aprender das lições que o mundo lhe dá. Daí, temos o ser humano hodierno, mais que nunca, um pícaro, que, infelizmente, com várias e honrosas exceções, não usa de artifícios para granjear o riso de terceiros, porém para, de qualquer modo, alcançar seus objetivos na vida. Não são esses os velhos (des)caminhos dos nossos velhos **Narren** e de Till, eternos andarilhos sobre a face da Terra?

BIBLIOGRAFIA

BAUMANN, Barbara & OBERLE, Birgita. **Deutsche Literatur in Epochen.** München: Max Hueber Verlag, 1985.

CARPEAUX, Otto Maria. **Literatura alemã.** 2.ed. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

HEISE, Eloá & RÖHL, Ruth. **História da literatura alemã.** São Paulo: Ática, 1986.

HOROZCO, Sebastián de. **A vida de Lazarillo de Tormes e de suas fortunas e adversidades.** Tradução de Stella Leonardos. Rio de Janeiro: Alhambra, 1984.

GLÄSER, Hermann *et alii.* **Wege der deutschen Liteatur.** 13. Auflage. Frankfurt am Main, Berlin, Wien: Ullstein, 1976.

RUPPRICH, Hans. **Die deutsche Literatur vom späten Mittelalter bis zum Barock.** Erster Teil. Das ausgehende Mittelalter, Humanismus und Renaissance. 1370-1520. München: C.H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1970.

SCHMIDT, Josef. **Renaissance, Humanismus, Reformation.** Stuttgart: Philipp Reclam jun., 1976. Band 3.

SELANSKI, Wira. **Épocas de literatura alemã.** Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1959.

STAMMLER, Wolfgang. **Die deutsche Dichtung von der Mystik zum Barock.** 1400-1600. 2. Auflage. Stuttgart: J. B. Metzlersche Verlagsbuchhandlung, 1950.